

Diálogos possíveis entre estudos literários e estudos culturais: Teoria *Queer* e Estética do Efeito

Emerson Silvestre¹

Resumo: Este artigo realiza uma breve discussão acerca da problemática que envolve os estudos literários quando se fala em uma abordagem dos estudos culturais/pós-coloniais. Propõe-se uma aproximação das duas áreas para demonstrar que é possível um diálogo entre elas sem que haja perda de especificidade para os estudos literários. Buscamos realizar uma reflexão teórica entre os estudos de gênero (sob a égide da Teoria *Queer*) e a Estética do Efeito para demonstrar que um diálogo entre elas, antes de uma ameaça para a teoria e a crítica literárias, pode ampliar a visão acerca dos estudos literários.

Palavras-chave: Estudos Literários. Estudos Culturais. Teoria *Queer*. Estética do Efeito.

Abstract: This paper provides a brief discussion about the issue involving literary studies when it comes to an approach of cultural/postcolonial studies. It proposes an approximation of the two areas to demonstrate that a dialogue is possible between them without loss of specificity for the literary studies. We carry out a theoretical reflection between gender studies (under the aegis of *Queer Theory*) and the Aesthetics Effect, to demonstrate that a dialogue between them, rather than representing a threat to literary theory and criticism, can extend literary studies.

Keywords: Literary Studies. Cultural Studies. *Queer Theory*. Aesthetics Effect.

Resumen: Este artículo presenta una breve discusión sobre el tema que involucra los estudios literarios cuando se trata de un enfoque de los estudios culturales/postcoloniales. Propone una aproximación de las dos áreas para demostrar que un diálogo entre ellas es posible sin pérdida de especificidad de los estudios literarios. Hicimos una reflexión teórica de los estudios de género (desde la perspectiva de la Teoría *Queer*) y el Efecto Estético para demostrar que un diálogo entre ellos, antes que una amenaza para la teoría y la crítica literaria, puede ampliar la visión sobre los estudios literarios.

Palabras Clave: Estudios Literarios. Estudios Culturales. Teoría *Queer*. Efecto Estético.

¹ Mestrando em Teoria da Literatura (UFPE).

Das palavras iniciais: estudos literários *versus* estudos culturais

Parece inevitável falar em estudos literários atualmente sem mencionar as discussões que envolvem a relação da literatura com os estudos culturais. Delas tiram-se conclusões equivocadas que muitas vezes separam os críticos em dois blocos: os culturalistas e os tradicionalistas.

Nessa segregação, leva-se em consideração, principalmente, o receio de que os estudos literários (teoria da literatura e crítica literária) se confundam com a miscelânea de disciplinas adicionadas ao caldeirão dos estudos culturais e perca, portanto, o *status* de conhecimento específico e intelectual (no sentido elitista da palavra).

Esse medo direciona a discussão por caminhos que, muitas vezes, sedimentam discursos agressivos como, por exemplo, o capítulo final do livro *Altas Literaturas* (1998), de autoria de Leyla Perrone-Moisés, no qual a ensaísta se posiciona a favor da ideia de cânone e se opõe incisivamente aos estudos culturais. A autora não cogita, sequer, uma possibilidade de diálogo interdisciplinar, ela radicaliza a situação e profetiza que a literatura pode cair em um esquecimento inevitável ocasionado pela abordagem culturalista desenfreada:

Confinados a um espaço cada vez mais estreito, os estudos literários têm modificado seus currículos, programas e métodos, adequando-os a essa tendência que não é mais a do diálogo entre as disciplinas (interdisciplinaridade), mas perda de suas especificidades (que poderíamos chamar de a-disciplinaridade) (PERRONE-MOISÉS, 1998, p.191).

Podemos verificar o reflexo dessas discussões ao analisarmos brevemente uma tese de doutoramento do Programa de Pós-graduação

em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL-UFPE) em que autora desenvolve um estudo sobre *mimesis*, segundo a perspectiva de Luiz Costa Lima, ao analisar o romance *Balada da Infância Perdida*, de Antonio Torres. Nessa análise (realizada dez anos após a publicação de Perrone-Moisés), a autora põe em questão um dos principais temas abordados pela moderna teoria da literatura (o sistema de representação mimética, juntamente com apontamentos acerca da Estética do Efeito, desenvolvidos por Wolfgang Iser), em contrapartida aos estudos culturais. No resumo de sua tese ela escreve:

Apresentamos, depois, os principais aspectos sob os quais a literatura é considerada pelos estudos culturais: primeiro, a obra literária é vista como um produto cultural entre outros que envolve relações sociais e culturais conflitantes e desiguais; segundo, a relação entre realidade e ficção não é problematizada adequadamente; e, terceiro, os estudos culturais centram seu olhar nas relações extrínsecas da literatura desprezando o caráter estético-literário da obra (COSTA, 2010, p.5).

O trecho acima resume bem o posicionamento que alguns críticos adotam em relação aos estudos culturais quando estes se propõem a analisar um material que, para os estudiosos da literatura, não é próprio do seu campo epistemológico. Partindo da ideia pré-concebida de que para os culturalistas tudo é visto como um produto da multiculturalidade, do pós-colonialismo ou do entre-lugar – sendo, portanto, a literatura nivelada como um epifenômeno social e cultural – os críticos ditos tradicionalistas fecham-se em suas barreiras erguidas em nome da estética.

No desenvolvimento da tese, a autora chega ao cerne da questão ao dizer que:

Se uma visão tradicional da literatura é questionada por estar impregnada de interesses, uma análise cultural de textos literários não deixa igualmente de estar envolvida por questões de valor e interesse social. Os estudos culturais ao focarem como os textos literários representam certa visão de mundo, acrescentam à literatura uma função representacional (COSTA, 2010, p.74).

Em conclusão, a tese defende que a ideia de *mimesis* não anula a perspectiva extrínseca da análise literária, mas, ao contrário, colabora com a visão de que através da *mimesis* é possível compreender que a literatura parte sempre de uma realidade social, que é transposta para o universo diegético através de aparatos estético-ficcionais, possibilitando novas leituras de realidades. Sendo assim, a especificidade da obra literária enquanto fenômeno estético estaria segura sem que seja necessário anular a realidade social, ou seja, o conceito de *mimesis* por si só já daria conta da parte cultural que a literatura demanda. Por outro lado, os estudos culturais são “culpados” por reduzirem a literatura a mero epifenômeno da sociedade, não sendo capazes de realizar uma apreciação estética do texto.

Tendo em vista essa breve exposição, não pretendemos realizar qualquer juízo de valor dos exemplos que foram apontados, mas é interessante observar que neles as ideias se repetem: os estudos culturais nunca são dignos de realizar uma análise literária satisfatória por estarem preocupados tão somente com as questões sociais, englobando várias disciplinas das ciências humanas em um caldeirão megalomaniaco de conhecimento.

Além disso, os “defensores da literatura” quase nunca acreditam em um diálogo possível entre estudos literários e estudos culturais. O que se vê são posicionamentos extremistas em que se travam

verdadeiras disputas intelectuais, esquecendo que existe a possibilidade de uma análise que possa manipular ferramentas teóricas dos dois campos de estudo.

Sobre o tema, Eneida Maria de Souza (2002) acredita que a diluição das fronteiras que separam determinadas áreas do conhecimento é um movimento natural da ciência e afirma que:

Os estudos contemporâneos situados no campo das ciências humanas colocam-nos diante desse desafio, incitando-nos a não só nos interessarmos pela especificidade disciplinar como a ampliarmos o olhar frente aos cruzamentos e afinidades transdisciplinares (SOUZA, 2002, p. 23-24).

O pretense apagamento de fronteiras disciplinares em nenhum momento significa a perda de especificidade. Sendo assim, o que Souza (2002) sugere é justamente um diálogo em que a literatura possa circular entre esferas diversas de conhecimentos sem que tenha seu aspecto estético-ficcional lesado.

Compartilhamos dessa hipótese e gostaríamos de realizar uma tentativa de aproximação entre a Teoria *Queer* (um dos pilares dos Estudos Culturais) e a Estética do Efeito, de Iser (indiscutivelmente um tema caro à moderna Teoria da Literatura).

Literatura e estudos de gênero: da representação ao estético

É uma tarefa perigosa tentar dizer, com pretensa certeza, quando começou a se falar de representações de gênero na literatura. Contudo, com o advento dos estudos culturais, podemos apontar como um possível marco o momento em que a mulher decide reclamar seu lugar no campo das letras, isto é, quando as escritoras começam a buscar seu

reconhecimento se manifestando contra a quase completa preponderância de escritores e críticos (homens) literários. Daí, a partir de mutações ideológicas, surgiram, dentre outros, os estudos feministas que visavam, também, à localização das escritoras dentro do que se convencionou chamar de cânone.

A partir disso, não somente a mulher e a escritura feminina, mas também as representações de gêneros destoantes do binômio masculino/feminino começaram a ser objetos de estudos. A Teoria *Queer* é o campo dos estudos culturais em que tais representações afloram mais intensamente:

“Queer” pode funcionar como substantivo, adjetivo ou verbo, mas em qualquer caso se define contra o “normal” ou normatizador [...] O termo descreve um leque diverso de práticas e prioridades críticas: leituras de representação do desejo pelo mesmo sexo em textos literários, filmes, música e imagens; análise das relações de poder sociais e políticas da sexualidade; críticas do sistema sexo-gênero; estudos de identificação transsexual e transgênero, de sadomasoquismo e de desejos transgressivos (SPARGO, 2006, p. 8-9).

A Teoria *Queer*, bem como o feminismo, são respostas às imposições que vêm juntamente com a concepção de identidades enrijecidas. A identificação de traços e comportamentos *queer* em obras de arte, na sociologia, na psicanálise veio à tona, mais fortemente, através dessa teoria, mas é importante observar que sempre houve a necessidade de externar essas outras possibilidades de identidades, sobretudo na arte, campo imagético por excelência.

Dessa maneira, não podemos concluir que a relação literatura/gênero se faça somente pela necessidade de se pensar em uma escritura feminina, ou na representação da mulher ou de outras minorias sexuais na literatura, seja como autores, seja como

personagens viventes de uma diegese. Gostaríamos de explorar outros limites dessa relação e, para tanto, nos parece imprescindível levantar alguns pontos referentes à construção de identidades de gênero e tentar fazer um paralelo com a literatura.

Começaremos, pois, pela definição de gênero. Segundo Judith Butler (2008) – uma das principais representantes da Teoria *Queer* – a perspectiva da identidade de gênero deve ser repensada. A visão biológica e inata dos gêneros, isto é, a determinação do gênero de acordo com o sexo (homem = masculino; mulher = feminino) não se sustenta, pois ela não daria conta, por exemplo, da transexualidade e do travestismo: “Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal” (BUTLER, 2008, p. 28).

Perante esse impasse, Butler sugere a construção das identidades de gênero como um processo discursivo, isto é, o gênero se forma por meio da linguagem – ou do que a linguagem faz com o corpo – sendo, portanto, um processo sem origem e nem fim que se constrói por uma sequência de atos. Esses atos proporcionam o que Butler chama de performatividade – tomando emprestado um conceito de Austin e da teoria dos atos de fala –, ou seja, o gênero é o que a linguagem permite o corpo fazer:

Nesse sentido, o *gênero* não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. [...] nós afirmaríamos como corolário: não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias “expressões” tidas como resultados (BUTLER, 2008, p.48. Grifos da autora).

Isto nos leva a crer que não se concebe um gênero a partir do sexo biológico, mas se modifica a linguagem com que os gêneros são construídos. Dessa forma, por exemplo, o próprio gênero feminino surge de uma especificidade linguística que modifica o gênero masculino dominante, o mesmo ocorre com as identidades intergenéricas (transexuais, hermafroditas, *drags*, gays e lésbicas, de *performance* disforme ao seu gênero pré-determinado), todos eles estudados por Butler e pela Teoria *Queer*.

Levando-se em consideração a perspectiva discursiva de gênero – que, segundo Butler, não se restringe apenas ao gênero, mas também à própria construção do sexo e do corpo, que já fora, de certa forma, iniciado por Foucault –, quando relacionamos gênero e literatura, podemos dizer que estamos tratando de assuntos que circulam na esfera da linguagem ficcional, pois tal perspectiva cria outras possibilidades de realidades.

Quando dissemos anteriormente que não se cria um gênero de um vácuo epistemológico, mas se modifica as concepções já existentes – a concepção da heteronormatividade e da masculinidade/feminilidade compulsórias, por exemplo –, acabamos por fazer uma aproximação com o discurso ficcional da literatura. Se pensarmos que o texto literário também opera uma sistemática semelhante: a realidade do texto ficcional não surge de um vácuo, ou de um mundo absolutamente estranho. Na verdade, ele organiza e apresenta o mundo e o real de outras maneiras. Por isso cria-se o efeito de “coisa nova”, e, compartilhando da ideia de “que a ficção literária não é miragem do real, mas um outro modo de sua apreensão pelo discurso” (COELHO,

2002, p.6), temos estabelecido uma aproximação entre gênero e literatura transpassada pela ficção.

O gênero está encriptado no corpo e esse corpo é construído por linguagem que por sua vez só faz sentido quando posto em circulação numa esfera discursiva a qual pressupõe, pelo menos, duas leituras: do próprio corpo e o que se fala do corpo, isto é, o corpo e como os outros leem esse corpo (no qual está impresso o gênero).

Uma equação semelhante pode ser feita quando nos detemos à questão da literatura: também feita por/na linguagem, o texto literário (re)cria a vida, produzindo novas possibilidades de real, por meio do que Iser e sua Estética do Efeito, por exemplo, denominam de fingimento:

Se os textos ficcionais não são de todo isentos de realidade, parece conveniente renunciar a este tipo de relação opositiva como critério orientador para a descrição dos textos ficcionais, pois as medidas de mistura do real com o fictício, neles reconhecíveis, relacionam com frequência elementos, dados e suposições. [...] Como o texto ficcional contém elementos do real sem que se esgote na descrição deste real, então o seu componente fictício não tem o caráter de uma finalidade em si mesma, mas é, enquanto fingida, a preparação de um imaginário (ISER, 2002, p. 957).

Segundo essa perspectiva, a literatura não é apenas uma linguagem estranha, desviante – como queriam uma parcela dos formalistas russos – mas é também e, sobretudo, capaz de “desrealizar” o real e moldá-lo num universo diferente (diegese). Essa relação, por sua vez, não se faz por meio da anulação do real concreto, ou da simples representação dele no universo literário, mas sim pela recriação e reapresentação desse real. Isso nos permite dizer que mesmo a ideia estritamente mimética da literatura (defendida por muitos) deve ser

compreendida, também, como uma possibilidade criativa, uma vez que seleciona dados da realidade empírica para ressignificá-los.

A linguagem literária, segundo essa perspectiva, não é uma nova língua, ou seja, para se ler um texto ficcional não é necessário aprender um novo código linguístico, pois usamos a mesma língua na ficção e na linguagem comum. Tampouco somos obrigados a conhecer universos que nos são completamente estranhos. A ficção é experiência do mundo, logo, por mais distante que o texto possa parecer estar da realidade empírica – os contos de fada ou o modo fantástico da escrita literária, por exemplo – sempre haverá uma ancoragem no real.

A diferença entre a palavra no discurso comum e a palavra no discurso ficcional (na nomenclatura de Searle (2002), convenção vertical e convenção horizontal, respectivamente) talvez resida no fato de que no texto literário os significados ainda são literais, mas o compromisso com esses significados pode ser subvertido:

Tais convenções horizontais não são regras do significado; elas não são parte da competência semântica do falante. Dessa maneira, não modificam nem mudam o significado de nenhuma das palavras ou de outros elementos da língua. O que fazem é habilitar o falante a usar palavras em seus significados literais sem assumir os compromissos normalmente exigidos por esses significados (SEARLE, 2002, p.107-108).

Sendo assim, quando dizemos que não se constrói um gênero completamente novo – segundo os estudos de Butler e da Teoria *Queer* – queremos dizer que o gênero é uma ficção que realiza de outra maneira, ou de maneira avessa a pré-determinação hegemônica dos gêneros. Em relação à literatura: para que ela exista é preciso não exterminar a realidade, mas ressignificá-la, apresentá-la de outras formas.

A Estética do Efeito diz que o que faz um texto ser literário é justamente a possibilidade de ficcionalizar, de fingir. A construção discursiva do gênero, por sua vez, calcada no conceito de performatividade, pode manipular a linguagem do corpo de modo que construa identidades de gênero que não sejam, necessariamente, a do homem masculino e da mulher feminina. Por síntese, a construção de um eu fictício – seja ele na literatura ou na perspectiva da construção discursiva dos gêneros – corrobora a ideia de que a performatividade do gênero e a instituição do ficcional na literatura são inscrições no campo discursivo do “como se” e do “fingimento”.

Searle também compactua dessa ideia de fingimento: “fingir fazer ou ser alguma coisa é envolver-se numa encenação, é agir *como se* estivesse fazendo ou fosse essa coisa, sem nenhuma intenção de enganar” (SEARLE, 2002, p. 105, grifos do autor). Quando pensamos no conceito de performatividade da Teoria *Queer*, temos que pensar em dois pontos: 1) os gêneros serão sempre performativos por serem construções linguísticas; 2) por serem performativos, estarão disponíveis para utilização e as pessoas são livres para utilizá-los como as convém.

A partir disso é que será possível “subverter” essa performatividade quando, por exemplo, um homem, que compulsoriamente deveria respeitar a performatividade do masculino, decide ou sente a necessidade de não ser tão masculino assim. Essa subversão é que cria o efeito de encenação, o sujeito parece estar fingindo ser o que não é. Entretanto, essa encenação não quer parecer mentira ou engano, mas tão somente a realidade. Discutir o limite dessas performatividades de gênero e concebê-las como construções ficcionais é, talvez, o principal objetivo da Teoria *Queer* e um grande

desafio, uma vez que essa discussão estimula a desrealização do conceito de masculino e feminino para dar lugar às múltiplas percepções de gêneros e sexualidades.

A literatura parece enfrentar esse mesmo desafio. É comum ouvir dizer que literatura é mentira, que nada do que está nos livros deve ser levado a sério, que, por ser mentira, deve-se mesmo evitar a leitura. Basta lembrarmos da *República* de Platão e de como os poetas foram expulsos da sociedade ideal, ou de todos os livros queimados por serem acusados de subversão.

Os exemplos são muitos, mas é necessário conhecer o estatuto do ficcional – mais uma vez reforçamos a compreensão da ficção além do campo literário – para entender que:

Por tanto, las ficciones no son el lado irreal de la realidad ni, desde luego, algo opuesto a la realidad, como todavía las consideran nuestro “conocimiento tácito”; son más bien condiciones que hacen posible la producción de mundos, de cuya realidad, a su vez, no puede dudarse (ISER, 1997, p. 45).

Perante o exposto até aqui, a relação entre gênero e literatura, portanto, não está apenas no nível superficial de quem escreve o texto literário (se homem, mulher, ou as minorias sexuais), ou das representações femininas e *queers* nos textos literários (literatura como espelho do mundo), mas tal relação pode ser entendida como dispositivo do próprio fazer literário, e alcançar outros universos (diegético, psicanalítico, social), quando relacionamos a natureza discursiva do gênero com a natureza ficcional da literatura, ambas calcadas no trabalho “metamorfoseador” da linguagem.

Podemos ainda sustentar nossa hipótese no fato de que o discurso literário, inevitavelmente, desperta o interesse dos demais discursos

aproximados das humanidades, seja por ser um processo cultural, ou por trabalhar, de uma forma ou de outra, com o material da realidade social: “A sua [do literário] inserção no interior dos mais variados textos atua como fator preponderante para o literário ser considerado na função articuladora, imagística e conceitual” (SOUZA, 2002, p. 24).

Ainda sobre o ficcional, tanto do literário quanto da produção de gêneros, podemos nos servir do respaldo indicado por Souza (2002, p. 24) quando diz que: “O reconhecimento do estatuto ficcional das práticas discursivas e da força inventiva de toda teoria nos alerta para a íntima relação entre o artístico e o cultural no lugar da exclusão de um pelo outro”.

Nesse ponto da discussão é importante salientar que Iser também fala de ficções (no plural) e diz que a ficção do texto literário, contudo, diferencia-se das outras pelo desnudamento de sua ficcionalidade:

Pois as ficções não só existem como textos ficcionais; elas desempenham um papel importante tanto nas atividades do conhecimento, da ação e do comportamento, quanto do estabelecimento de instituições, de sociedades e de visões de mundo. De tais modalidades de ficção, as ficções do texto ficcional da literatura se diferenciam pelo desnudamento de sua ficcionalidade (ISER, 2002, p.970).

Aqui encontramos um ponto que deve ser levado em consideração, pois se até então levantamos apenas pontos em comum entre a Teoria *Queer* e a Estética do Efeito, agora encontramos uma diferença.

De fato, a ficção que envolve o discurso dos corpos na construção das identidades de gênero é diferente, em certo ponto, da ficcionalidade do texto literário quando levamos em consideração o ato do desnudamento da ficção, pois nele o sinal que marca a ficção adquire a forma de um contrato entre autor e leitor (ISER, 2002, p.970).

Esse contrato firma a hipótese de que, ao lermos um texto literário, estamos “de acordo” com o fato de ali residir uma realidade inventada a partir de uma seleção de dados do mundo empírico.

Em relação aos gêneros, nem sempre esse desnudamento é necessário ou percebido, isto *não* é, na verdade, uma condição para a construção das identidades de gênero. O estatuto ficcional do texto literário, por sua vez, pressupõe esse desnudamento como um dos atos de fingir necessário e imprescindível.

Entretanto, um dos objetos preferidos da Teoria *Queer* é a identidade *drag*, na qual se parodia ao extremo a feminilidade ao ponto de se apagar o gênero feminino e possibilitar o surgimento de um gênero completamente estranho, subversivo e indefinido (*queer* por excelência). A *drag* não é uma mulher e muito menos um homem. Mas a performance que compõe a identidade de uma *drag queen* circula na atmosfera do feminino e também do masculino. Ao observarmos uma *drag* não temos certeza se é um “homem real” ou “uma mulher real”.

A identidade *drag*, portanto, nos olha e diz: eu não sou realmente uma mulher, tampouco um homem. Essa indefinição não pressuporia um pacto entre espectador e *performer* para se fazer entender que a identidade *drag* só faz sentido enquanto uma realidade inventada a partir de recortes do mundo concreto? Não seria um desnudamento da ficção que encobre a identidade *drag*?

Não entraremos nessa discussão por acreditarmos que ela foge um pouco ao propósito deste artigo, mas o questionamento feito poderia suscitar outro debate: o o desnudamento da ficção, talvez, não seja uma exclusividade do estatuto ficcional do texto literário.

Considerações finais, ou dos riscos assumidos

Seguramente as ideias que trazemos aqui não são inéditas e já circulam há algum tempo na esfera dos Estudos Literários, sobretudo nas discussões que tratam da “disputa intelectual” entre Teoria da Literatura e Estudos Culturais. Falamos em disputa porque acreditamos que, antes de qualquer coisa, a categoria dos críticos literários ditos conservadores sente que a literatura pode estar ameaçada em função dos suportes de leituras advindos de outras esferas do conhecimento e arroladas no termo “Estudos Culturais ou Pós-coloniais”.

Adotamos o risco do qual fala Souza (2002, p. 24), uma possibilidade de diálogo (ousado?) entre Estudos Literários e outras esferas do conhecimento. Nosso intuito, contudo, não foi o de apagar uma suposta especificidade dos estudos da literatura, mas ao contrário, manipular teorias caras ao estudo da obra de arte literária com outras teorias que gozam de certa afinidade com o discurso literário: práticas discursivas que carregam consigo possibilidades de ficcionalizar, mesmo que essa possibilidade não seja exatamente igual à observada na literatura.

Além disso, acreditamos que as discussões que trouxemos aqui por meio do livro de Leyla Perrone-Moisés e da tese de doutoramento de Fabiana Ferreira da Costa (separados cronologicamente por mais de dez anos se observarmos as datas de publicação) servem para demonstrar que apesar de antiga, a rivalidade entre estudos literários e estudos culturais parece, ainda, ter muito o que dizer.

Aceitando o fluxo que acompanha o diálogo interdisciplinar, pudemos observar que os pressupostos da Teoria *Queer*, no que se

refere à construção das identidades de gênero e à representação de sexualidades, aproximam-se do que em literatura se chama de discurso ficcional. Como foi visto, a ficcionalidade não é uma ferramenta exclusivamente literária e que a própria Estética do Efeito prevê a pluralidade dessas ficções. Sendo, contudo, diferente das outras formas de representações ficcionais, a literatura conserva uma característica própria (o desnudamento da ficção), mas esse fato não anula a aproximação do texto literário com outras práticas discursivas que têm seus pressupostos teóricos fincados no estatuto ficcional.

Sendo assim, a título de considerações finais, nos parece que a pretensa perda de especificidade da obra literária, da qual se referem alguns críticos, tende a colocar a literatura em um não-lugar que a isola dos contatos possíveis com disciplinas afins. Esse isolamento parece ir contra o fluxo das pesquisas em humanidades feitas no momento atual, nas quais o diálogo interdisciplinar inscreve-se como eixo metodológico.

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

COELHO, Ruy. *Ficção e realidade*. Disponível em: <<http://www.usp.eca.br/associa/cesa/revista/revista4/ficcaoerealidade.html>>.

Consulta em: 25 de dezembro de 2014.

COSTA, Fabiana Ferreira da. *A mimesis, os Estudos Culturais e a Balada da Infância Perdida: A literatura em questão* [tese]. Universidade Federal de Pernambuco, 2010. Disponível em: http://www.pgletras.com.br/2010/teses/Tese_Fabiana_Ferreira.pdf.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da Literatura em suas fontes, vol. 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. La Ficcionalización: dimensión antropológica de las ficciones literarias. In: DOLEŽEL, L. et al. *Teorías de la ficción literaria*. Compilação de textos, introdução e bibliografía de Antonio Garrido Domínguez. Madrid: Arco/Libros S.L.,1997.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SEARLE, John R. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. Tradução de Ana Cecília G. A. de Camargo; Ana Luiza Marcondes Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SPARGO, Tamsim. *Foucault e a teoria queer*. Tradução de Vladimir Freire. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Juiz de Fora: Pazulin, 2006.

Recebido em 09/07/2015. Aprovado em 14/07/2015.